América Latina-Mercosul e CPLP – África do Sul na globalização

Vamireh Chacon
Instituto de Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade de Brasília
CEP 70910-900 Brasília
Tel. /Fax : 55-61-32898.00

Resumo

Portugal, Brasil e países lusófonos têm duas fronteiras : a terrestre respectivamente com a Europa, América Latina e África e a marítima como fronteira recíproca a aproximá-los mais do que a distanciá-los. O reforço das trocas recíprocas poderá dar ainda maior força a cada um, para integrações com outros blocos. O MERCOSUL e a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) nem são mutuamente excludentes, nem excludentes das demais integrações.

Também empresários, executivos, intelectuais e políticos mobilizam-se cada vez mais a favor do projeto Mercosul – Southern African Customs Union – Southern African Development Community, outra base da Geopolítica mundial em competição e/ou colaboração com outros espaços.

Palavras-chave: globalização, América Latina, Mercosul, CPLP, África do Sul.

Résumé

Le Portugal, le Brésil et les pays lusophones ont deux frontières : la terrestre, respectivement avec l'Europe, l'Amérique Latine et l'Afrique et la maritime, comme frontière réciproque qui les raprochent plus qu'elle les éloignent. Le renforcement des échanges réciproques pourra donner encore plus d'élan a chacun d'entre eux, pour s'intégrer dans d'autres blocs. Le MERCOSUL et la Communauté des Pays de Langue Portugaise (CPLP) ne sont pas ni mutuellement excludants, ni excludants d' autres intégrations.

Aussi entrepreneurs, cadres, intellectuels et politiques se mobilisent de plus en plus pour le projet Mercosul – Southern African Customs Union – Southern African Development Community, un autre support de la Géopolitique mondiale em compétition et/ou colaboration avec autres espaces.

Mots-clé : mondialisation, Amérique Latine, Mercosul, Communauté des Pays de Langue Portugaise, Afrique du Sud.

Abstract

Portugal, Brazil and portuguese-speaking countries have two frontiers : by land, with respectively Europe, Latin America and Africa and by sea as a reciprocal frontier that joins more than it separates them. The strengthening of its reciprocal exchanges can enforce each one, for other integrations with other blocs. MERCOSUL and the Community of Portuguese Speaking Countries (CPLP) are not mutually excluding nor excludents of others integrations. Also entrepreneurs, managers, intellectuals and politicians favour actively the project Mercosul - Southern African Customs Union - Southern African Development Community, another basis of world Geopolitics in competition and/or collaboration with others spaces.

Keywords: globalisation, Latin America, Mercosul, Community of Portuguese Speaking Countries, South Africa.

Benedetto Croce já mostrou como a Historiografia vale na medida da contemporaniedade que tiver[1]. Este pressuposto não pode nem deveria ser esquecido na atual fase mundial de grandes integrações econômicas internacionais no bojo de mais uma globalização, até mesmo porque a primeira foi realizada por Portugal e Espanha na Revolução Comercial do Renascimento, conforme Arnold J. Toynbee tão bem registrou.[2]

O primeiro grande obstáculo à integração luso-brasileira, quando Portugal ainda tinha um império colonial, aconteceu nas Cortes que se queriam liberais, quase até revolucionárias, em 1820. Nelas os então deputados portugueses ainda estavam muito presos à visão colonial do seu mundo, portanto infensos a uma independência bra-

---

[1] CROCE, Benedetto. **La storia come pensiero e come azione**. Bari: Laterza, 1938, com várias reedições e traduções.

[2] Toynbee, Arnold J. **A Study of History**, abridged edition of the I-VI vol. by D. C. Somerville. Oxford University Press: 1947, pp. 124 e 125.

sileira mesmo no quadro de um *Commonwealth*, como o que bastante depois se passará a defender, e apesar disto poder ter sido facilitado pela presença dinástica nos dois lados do Atlântico em pai e filho, Dom João VI e Dom Pedro I. Os tempos ainda não se achavam amadurecidos.

A inevitável reação foi a voluntária retirada dos deputados brasileiros e de alguns portugueses das Cortes vintistas, em protesto contra a resistência lisboeta, apesar de dizer-se tão liberal, à independência do Brasil.[3] Resistência verbal parlamentar materializada em resistência militar nas batalhas travadas no Recôncavo baiano, em torno da antiga capital do Vice-Reinado do Brasil, por conta da recusa do General Madeira em aceitar o acordo dinástico de pai a filho em favor de uma independência pacífica brasileira. Resistência enfim debelada pelas armas.[4]

A segunda grande oportunidade perdida do *Commonwealth* luso-brasileiro, numa época em que outros futuros países lusófonos eram colônias, ocorreu em 1830 quando do retorno de Dom Pedro I a Portugal, na luta contra o próprio Dom Miguel em torno da posse da coroa portuguesa, guerra fratricida, pois de dois irmãos, guerra civil[5]. Desta vez as objeções provieram do lado brasileiro, seu povo nas ruas em protesto até violento contra um absolutismo no Brasil ao qual Dom Pedro I, transformado em Dom Pedro IV, pretendia combater em Portugal. O envenenamento dos ânimos prosseguirá forte ao longo da primeira metade do século XIX, com correrias, depredações, mesmo linchamentos de portugueses por parte de brasileiros nacionalistas exaltados, nos chamados "Mata, mata Marinheiros"; "marinheiro" a alcunha dada aos estrangeiros então residentes no Brasil, geralmente comerciantes, alvos fáceis dos ataques populares em meio a outras lutas políticas daquele tempo.[6]

A concentração do comércio da metrópole lisboeta daí em diante na África lusófona colonial, e a diversificação das importações e exportações brasileiras na direção da Europa em geral, principalmente da Inglaterra, por fim com os Estados Unidos, adiaram o reestreitamento dos laços não só econômicos, também políticos e culturais entre Brasil e Portugal. Não faltando quem, da França e Estados

---

[3] Carvalho, M. E. Gomes de. **Os Deputados Brasileiros nas Cortes de 1821**. 2. Ed. (1. em 1912). Brasília: vol. 13 da Coleção Bernardo Pereira de Vasconcelos, Senado Federal, 1979, passim.

[4] Os primeiros estudos clássicos a respeito são os de CERQUEIRA E SILVA, Ignácio Accioli de, **Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia**. Salvador: Typ. Do **Correio Mercantil**, em cinco vols. de 1835 a 1843; 2ª ed. Com anotações de Braz do Amaral em 1919-1937 pela Imprensa do Estado da Bahia, e do próprio Braz do Amaral, **História da Independência na Bahia**. Salvador: Imprensa do Estado, 1923, com reedições.

[5] LIMA, M. Oliveira. **Dom Pedro e Dom Miguel (A Querela da Sucessão. 1926-1928)**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1925.

[6] CHACON, Vamireh. **História das Idéias Socialistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1ª ed em 1965; pp. 40-42, 25-27 da 2ª ed. de 1981 pela mesma editora e local.

Unidos, viesse a propor o conceito de América "Latina" em lugar de "Ibero"-América, visando àqueles interesses.

Claro que as Américas Portuguesa e Espanhola são latinas pela origem dos dois idiomas, mais o Direito Romano por elas herdado pelas suas organizações estatais e sociedades civis, porém lusitanidade e hispanidade marcaram suas mediações, portanto as referidas duas Américas são Ibero-América. O francês Charles Calvo publicou em 1862 o livro **Traité diplomatique sur l'Amérique Latine**, onde pela primeira vez surge a expressão e como defesa da expedição militar francesa enviada por Napoleão III para manter o Imperador Maximiliano no trono do México, em contraposição à América Anglo-Saxônica.[7] Mas ainda em 1913 Lord Bryce, embaixador da Grã-Bretanha nos Estados Unidos e distinguido jurista e historiador, intitulava **South America** um relato de observações e experiências.[8] Enquanto isto, o português Visconde de São Januário, embaixador itinerante do seu País neste continente, persistia denominando-o "América do Sul" em 1890.[9]

A ofensiva política e cultural de França na região dirigia-se contra a penetração econômica e até demográfica da Alemanha através da sua imigração em núcleos concentrados no Sul do Brasil e Chile, ademais da Argentina. A França temia que a Alemanha conseguisse atrair estes países à guerra mundial que se avizinhava, daí nada menos que o futuro presidente da república francesa naquele próximo conflito, Raymond Poincaré, prefaciar **Les démocraties latines de l'Amérique** do ibero-americano F. Garcia-Calderón em 1912[10], um ano após o também futuro primeiro-ministro da França, Georges Clemenceau, percorrer a Argentina, Uruguai e Brasil, e publicar suas **Notes de voyages.**[11]

A operação francesa optava pela infiltração de influência pelo lado mais sensível da francofilia, o literário, como se vê com Anatole France pronunciando em plena Sorbonne, 1909, a conferência **Le génie latin**, aliás a convite de autoridades

---

[7] A priorioridade de Charles Calvo foi demostrada por MARTINÈRE, Guy, em "L'invention de la 'latinité' de l'Amérique" in **Unité et diversité de l'Amérique Latine**. Bordéus: Maison des Pays Ibériques-Centre d'Études de Géographie Tropicale. Université de Bordeaux III-Conseil National de Recherches Scientifiques, 15-18 de setembro de 1982.

[8] BRYCE, Lord. **South America (Observations and Impressions)**. Nova York: The Macmillan Company, 1913, pp. 490, 491, 520 e 519.

[9] **Missão do Visconde de São Januário às Repúblicas da América do Sul**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1880. Está bem claro o afastamento entre Portugal e Brasil na época, quando o autor conclui na "Introdução": "A miragem das fortunas que se espera tradicionalmente adquirir com o mínimo de trabalho na região outrora portuguesa, já se tem desvanecido..." (p. 7).

[10] GARCÍA-CALDERÓN, F. **Les démocraties latines de l'Amérique**. Paris: Ernest Flammarion, Éditeur, 1912.

[11] CLEMENCEAU, Georges. **Notes de voyage: L'Amérique du Sud (Argentine-Uruguay-Brésil)**. Paris: Hachette et Cie., 1911. Ainda mais contudente na sua pregação em favor da França é André CHERADAME, **O Plano Pangermanista Desmascarado**, em tradução de língua portuguesa com prefácio de Graça ARANHA. Rio de Janeiro-Paris: Livraria Garnier, 1917, portanto em plena Primeira Guerra Mundial.

brasileiras[12]. Também pouco antes Henri Turot lançava **En Amérique Latine** naquele conjunto de esforços.[13]

O poder econômico e militar da França não correspondia, porém, ao dos Estados Unidos: já naquela época Paris podia competir em influência com Berlim, não com Washington. O Barão do Rio Branco, ministro das Relações Estrangeiras do Brasil, percebeu-o muito bem; era preferível a *special partnership* dos Estados Unidos para o Brasil ganhar da Argentina o contencioso do Território de Palmas (ou Missões como também é chamado) através de laudo favorável do árbitro, presidente Grover Cleveland, bem como a aprovação de Washington à compra do controle acionário do cartel do *Bolivian Syndicate* necessário à dominação econômica no Território do Acre da Bolívia, mas habitado por imigrados brasileiros, com a etapa seguinte e final da transferência da sua soberania ao Brasil.

Manobras brasileiras muito mais diplomáticas, na virada do século XIX ao XX, que as que poderiam imaginar os franceses, mesmo os alemães, ademais do Barão do Rio Branco obter também laudo do mediador do Presidente do Conselho Federal da Suíça contra a França e em favor do Brasil na questão do Território do Amapá pretendido por Paris, apesar de todos seus acenos latino-americanizantes ao Brasil.[14]

Permanecia a latino-americanidade da América ao sul do Texas, porém sob o componente cultural hegemônico da iberidade. Ela continua se multiplicando; na virada do século XX ao XXI estão previstos duzentos e quarenta milhões de lusófonos entre mais de um bilhão de latino-falantes do mundo inteiro - Samuel P. Huntington previu em polêmico artigo na revista **Foreign Affairs** o conflito das civilizações.[15]

Portugal, Brasil e países lusófonos africanos têm duas fronteiras: a terrestre respectivamente com a Europa, Ibero-América e África em geral; porém todos os lusófonos dispõem do mar-oceano como fronteira recíproca a aproximá-los, mais que a distanciá-los. O Atlântico surge como seu espaço comum, une-os, não os separa, articula-os com outros mares-oceanos: o Atlântico desprovincianiza os povos luso-tropicais, ao evitar que se fechem em si mesmos, seja Portugal com a Europa, Brasil com a Ibero-América, ou Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e

---

[12] **Le génie latin (Allocution prononcée à la Sorbonne, le 3 avril 1909 à la fête de l'intellectualité brésilienne)**. Paris: Éditions d'Art Edouard Pelletan, 1909. A tiragem de luxo, com exemplares numerados e rubricados pelo autor, logo sugere o patrocínio oficial brasileiro implícito já no sub-título do livro. Tanto assim que Anatole France decide retomar o título noutra publicação sua, **Le génie latin**. Paris: Alphonse Lemerre, 1913.

[13] TUROT, Henri. **En Amérique Latine**. Paris: Vuibert et Nony Éditeus, 1908.

[14] LINS, Álvaro. **Rio Branco (1845-1912)**. Rio de Janeiro: vols. 50 e 50A da Coleção Documentos Brasileiros, Livraria José Olympio, 1945. VIANA FILHO, Luiz. **A Vida do Barão do Rio Branco**. Rio de Janeiro: vol. 106 da col. Docs. Bras., Livr. J. Olympio, 1959.

[15] HUNTINGTON, Samuel P. "The Clash of Civilizations?" **Foreign Affairs**. Washington, D. C.: verão de 1993.

Moçambique, com seus vizinhos francófonos e anglófonos, Cabo Verde com a compensação da oceanidade.

É que há uma razão atlântica, herdada das lusas Descobertas ultramarinas do Renascimento, quando Portugal lhe acrescentou a dimensão do coração, em vez de limitar-se ao seu frio, objetivo, racionalismo inicial. A razão atlântica luso-tropical vem se revelando ecumênica em todos os tipos de miscigenação étnicos e culturais, geradores de desafios criativos internamente, capacitantes de novas expressões civilizatórias em seu bloco de economia-mundo.[16] O fortalecimento interno de Portugal, Brasil e África lusófona pelo reforço das trocas recíprocas, poderá dar ainda maior força a cada um para integrações com outros blocos. O MERCOSUL e a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa nem são mutuamente excludentes, nem excludentes das demais integrações.

A resistência terrestre espanhola a leste e a abertura oceânica a oeste permitiram, até convidaram, Portugal ao pioneirismo na elaboração de uma razão atlântica no sentido da maior empreitada do Ocidente, racional nos meios tecnológicos os mais avançados da época e apaixonada na audácia.

Daí o Brasil, ora o mais populoso e o mais rico em economia e tecnologia herdeiro desta razão atlântica, recriá-la por sua vez a seu modo e assim conseguir, na virada do século XX ao XXI, diversificar suas exportações em proporções relativamente equilibradas, porque cambiantes também em escala dinâmica de comércio internacional: vinte e cinco por cento delas à América do Norte, vinte e cinco por cento à Europa Ocidental, vinte e cinco por cento ao Extremo Oriente e vinte e cinco por cento ao Hemisfério Sul ibero-americano e africano.

Este o quadro no momento, ou fase atual, muito além da época do Tratado de Amizade e Consulta de 1953, que ficara mais na amizade que na consulta, em meio inclusive da guerra colonial travada em seguida na África lusófona. Em 1989 a Primeira Cimeira de Chefes de Estado lusófonos veio a começar a quebra da inércia, cimeira em São Luís do Maranhão por iniciativa principalmente do então presidente do Brasil, José Sarney, e seu ministro da Cultura José Aparecido, depois Embaixador em Portugal. Presente o presidente Mário Soares de Portugal, mais os de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe. A decisão maior do encontro foi a criação do Instituto Internacional de Língua Portuguesa; a lentidão da sua implantação levou a Câmara Municipal de Lisboa ao ato constitutivo de 7 de Setembro de 1992, data evidentemente simbólica, no sentido de criar a Fundação Luso-Brasileira para o Desenvolvimento do Mundo de Língua Portuguesa.

---

[16] A expressão "economia-mundo" é tomada aqui um tanto no sentido de Fernand BRAUDEL, **Civilisation matérielle et capitalisme**, Paris: Armand Colin, 1967, e de Immanuel WALLERSTEIN, **The Modern World-System**. Nova York: Academic Press, 1974. O termo "razão atlântica" vem sendo aplicado em suas publicações pelo grupo português criador, ao lado do grupo brasileiro, do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira do qual também faço parte.

Retomando a iniciativa pelo lado brasileiro, o representante do Brasil, escritor Gerardo Mello Mourão, no III Congresso de Escritores de Língua Portuguesa em Guiné-Bissau, 1995, propôs e foi aprovada sua moção em favor da criação do Parlamento dos Povos de Língua Portuguesa a instalar-se no mesmo edifício onde já funciona em São Paulo o Parlatino, Parlamento da América Latina. Antes, 1993, reunira-se em Lisboa uma Mesa Redonda Luso-Afro-Brasileira sob coordenação do Embaixador Dário de Castro Alves, da qual a proposta mais importante foi a fundação da Universidade dos Sete pelos países lusófonos.[17]

Iniciativas muito oportunas, dada a penetração da língua francesa pelos vizinhos em Guiné-Bissau, e da inglesa em Moçambique e Angola já em busca de ingresso no próprio *Commonwealth*, cujos países os cercam; aliança econômica paralela à crescente influência linguística, a ponto de preocupar os escritores lusófonos locais.[18] Daí que a integração de Angola e Moçambique com Portugal no quadro da União Européia, e com o Brasil no do MERCOSUL, implicaria na gradual integração também da União Sul-Africana nos dois blocos entrecruzados.[19]

Iniciativas econômicas também muito oportunas, mesmo urgentes, pois, enquanto Portugal começava a partir de 1986 a integrar-se na Comunidade Econômica Européia, depois União Européia, o Brasil ia passando a compor seu próprio quadro de relacionamentos especiais sul-americanos com a Aliança Latino-

---

[17] VIGGIANO, Alan. **Dossiê Grupo dos Sete (Os Povos e Países de Língua Portuguesa)**. Brasília: André-Quicé Editor, 1994, pp. 17, 246 e 269. A Embaixada do Brasil em Lisboa publicou em Junho de 1994, e reeditou em Novembro daquele ano, o documentário **A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa**.

[18] VIGGIANO, *op. cit.* pp. 121-125.

[19] A imprensa brasileira vinha sinalizando o interesse da África do Sul: "assessores diretos do presidente Nelson Mandela estiveram percorrendo escritórios governamentais e empresariais do Cone Sul em busca da abertura de seus mercados para investimentos sul-africanos". "A África do Sul é objetivamente muito parecida com o Brasil em suas condições econômicas e sociais". "Mesmo a composição racial é mais semelhante do que parece. Oficialmente, a África do Sul é 17% branca e o Brasil 54%". "Se valessem aqui os critérios de classificação sul-africana, as porcentagens seriam muito parecidas". Após o *apartheid*, vencido formalmente pela resistência política encabeçada por Mandela, "a nova situação melhorou muito as perspectivas da maioria de empresários e profissionais negros". Quase um milhão de imigrantes portugueses, expulsos pelas independências das vizinhas Angola e Moçambique, somou-se aos quatro principais grupos étnicos sul-africanos: os negros, os anglos, os boêres de origem holandesa e os indianos. No seu programa de promoção social, o presidente Mandela prevê milhões de habitações populares também necessitadas de urbanização e eletrificação, bem como ruas e estradas, mercado para as grandes construtoras brasileiras, "além de ser um interessante mercado para a indústria pesada brasileira (certamente de bens de capital, talvez também bens de consumo)". Tudo pagável com os mais ricos minérios do mundo, inclusive empresas brasileiras estão minerando diamantes na África do Sul (*vide* "Quem pensa que o Mercosul se restringirá a latino-americanos esquece a África do Sul". **Carta Capital**. Brasília; ano II, nº 30, 21 de agosto de 1996, pp. 78-80).
Bolívar LAMOUNIER organizou o livro **Brasil e África do Sul (Uma Comparação)**, Editora Sumaré-IDESP, São Paulo, 1996, com os resultados de seminário a respeito em Johannesburgo, 1996. Também o IPRI (Instituto de Pesquisas de Relações Internacionais), dirigido no Itamaraty pelo Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, organizou e publicou seminário de pesquisas e debates a respeito.

Americana de Livre Comércio (ALALC) e Associação Latino-Americana de Desenvolvimento Integrado (ALADI), instituídos pelos dois Tratados de Montevidéu de 1960 e 1980. Integração com outro passo adiante mais decisivo no Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), criado pelo Tratado de Assunção de 1991.

Este último documento teve a prudência e a objetividade de não se delimitar, portanto, à América do Sul, sequer ao seu Cone Sul (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai); preferiu abrir-se a todo o Hemisfério Sul logo no seu artigo 1º: "Os Estados Partes decidem constituir um Mercado Comum, que deverá estar estabelecido a 31 de dezembro de 1994, que se denominará **Mercado Comum do Sul** (MERCOSUL)". E enuncia claramente as obrigações de "livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos", "eliminação dos direitos alfandegários e restrições não tarifárias à circulação", "estabelecimento de uma tarifa externa comum", "coordenação de políticas macroeconômicas e setoriais" e "compromisso dos Estados Partes de harmonizar suas legislações".

Diante disso entreabre-se mais uma perspectiva ainda mais concreta, a própria possibilidade de cruzamento das duas integrações, a do MERCOSUL em pleno andamento prático, implementada pela Declaração de Ouro Preto, com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa formalmente constituída em Lisboa, 1996, após o adiamento de 1994, agora com a presença de todos seus Chefes de Estado. Por este documento os signatários também prevêem, além do reforço dos laços culturais especialmente os linguísticos, "desenvolver a cooperação econômica e empresarial entre si e valorizar as potencialidades existentes, através da definição e concretização de projetos de interesse comum, explorando nesse sentido as várias formas de cooperação, bilateral e multilateral".

Para realização destes e demais objetivos, o embaixador José Aparecido de Oliveira, com sua experiência de Brasil em Portugal e países lusófonos africanos, declarou com realismo ser necessário "como ponto de partida a criação de uma estrutura administrativa, de quadros de trabalho e de um orçamento, que não precisará ser milionário, mas suficiente, para dar imediata satisfação às suas atividades". A CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) "não será apenas um organismo cultural. Tem, sem dúvida, fundamentos em nossas culturas e deverá dispor de serviços ativos nesse campo. Mas vai dedicar-se com afinco a todo espectro das relações internacionais, da economia, da indústria, do comércio, das políticas, de tarifas e de transporte, e será, assim, uma espécie de grande cooperativa de investimento e intercâmbio entre nossos países".[20]

Colocada nesses termos, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa poderá enfim percorrer etapas mais objetivas, portanto mais decisivas. Com plena pos-

[20] Contracapa de VIGGIANO, *op. cit.*

sibilidade de articulação com o MERCOSUL, pois em 1995 este firmou Acordo de gradual integração com a União Européia. As Reuniões de Cúpula Ibero-Americana, anuais e iniciadas em Guadalajara (México), 1991, compõem-se não só de Estados latino-americanos quanto também de Portugal e Espanha. A cimeira ibero-americana em Havana decidiu, por unanimidade, em 1999, a criação do seu secretariado permanente em Madrid.

Assim a iberidade, muito além de iberismos hegemônicos de um país sobre outro, seria amplamente completada, sem esquecer as pontes aos irredentos Timor-Leste, Goa-Damão-Diu e à Galiza-Galícia (como se diz em Portugal e no Brasil), em colaborações pacíficas e construtivas com Espanha, Índia e Indonésia, ademais da China a partir do término da direção oficial de Macau por Portugal em 1999. Todo um mundo de afinidades aproximativas, elos, não barreiras, com os povos vizinhos, a cultura ensejando maior desenvolvimento econômico, social, político, com crescente respeito aos direitos civis e humanos e à ecologia. Toda uma proposta também de humanismo ibérico, comunidades culturais, não só integrações econômicas.

O escritor e estadista Leopold Sedar Senghor, primeiro presidente do Senegal, ele próprio de ascendência afro-lusa, entendeu muito bem, adiante das naturais limitações da sua francofonia, como, "daqui para o futuro, mais consciente da rica singularidade da sua civilização, o Portugal Novo avançará numa dupla direção: por um lado para reintegrar a Europa em construção - falo da Europa cultural - mas, por outro, para ajudar com o Brasil a elaboração de um mundo lusófono, nomeadamente ao nascimento, em África, de novos Brasis, cheios de jovens forças porque de sangues misturados e prefigurando o mundo do futuro".[21] Prefiguração tão pioneiramente defendida por Gilberto Freyre desde **Casa-Grande & Senzala** em 1933 e do I Congresso Afro-Brasileiro, o do Recife em 1934, e pela luso-tropicologia à qual Mário Soares, primeiro-ministro e presidente do Portugal após a Revolução dos Cravos, reabilitou: "Essa teoria foi mal aproveitada no tempo do antigo regime, mas, justamente eu quis demonstrar que a obra de Gilberto Freyre era admirada em Portugal, não só por aqueles que eram partidários do colonialismo, como pelo Portugal livre, democrático e moderno que eu represento"[22].

O escritor português Marques Gastão completou o quadro na sua amplitude de fins do século XX, princípios do XXI: "No Mundo Ocidental, são ilustrativos os Estados anglófonos, francófonos, hispânicos e lusófonos. Cada um com suas características próprias e Portugal e o Brasil se destacam pela sua unidade linguística, em perfeita correlação com os países africanos de língua portuguesa e em que também

[21] *Idem*, VIGGIANO.

[22] Discurso de Mário SOARES na inauguração da Sala Calouste Gulbenkian na Fundação Joaquim Nabuco no Recife em 29 de Março de 1987 (Arquivos da Fundação Joaquim Nabuco).

se torna relevante a posição portuguesa no Oriente - Goa, Damão e Diu, Macau, Timor, Malaca, Tailândia -, os núcleos portugueses na Nova Inglaterra e na Califórnia[23]. Núcleos de imigração ultimamente também brasileira em grande escala no Paraguai, Argentina, Uruguai; nos Estados Unidos, principalmente na Flórida, Nova York, Nova Jersey e Boston.

Diásporas reintegráveis como outras tantas pontes de mais intensa cooperação entre os povos, pelo trabalho mais criativo inspirado pela dimensão culturalista entrevista e proclamada pelo luso-tropical presidente de Guiné-Bissau, João Bernardo "Nino" Vieira: "a maior coisa que Portugal nos legou foi precisamente a Língua".[24]

A História da Expansão da Língua Portuguesa não se esgotou, ela prossegue na dialética tão bem expressa por Toynbee nos desafios e respostas das culturas e civilizações. A sua vitalidade será o seu futuro.

Os factos estão a confirmar estas prospectivas. O Presidente do Brasil Fernando Henrique Cardoso efetuou decisivos passos adiante ao visitar a República de Angola e a República da África do Sul em Novembro de 1996.

No dia 25 ele afirmava na presença do Presidente angolano José Eduardo dos Santos, em Luanda: "Falamos a mesma língua e hoje pertencemos à Comunidade de Países de Língua Portuguesa, que reúne mais de duzentos milhões de pessoas - um projeto comum que agrega uma dimensão multilateral à rede dos países que a compõem. Somos vizinhos atlânticos, que se olham com a certeza de que a Geografia está em nosso favor". "Olhamos para a África com interesse renovado, mas partindo da mesma base sólida: a forte herança africana que compõe a identidade nacional brasileira e que nos distingue no mundo". No espaço luso-tropical, como diria Gilberto Freyre, Angola é a África mais próxima pela distância marítima e pelo coração de milhões dos seus descendentes brasileiros.

Em 27 de Novembro o Presidente Fernando Henrique concluía perante o Presidente sul-africano Nelson Mandela, em Pretória: "O sonho de uma forte parceria entre o Brasil e a África do Sul está finalmente dentro do nosso alcance". "Vamos utilizar tudo o que temos em comum e os muitos interesses que compartilhamos em nossa vizinhança atlântica, para construir o que é certo ser uma parceria característica em nosso Hemisfério Sul. Vamos fazê-la agora". "Vamos lançar uma ponte sobre o Atlântico".

Nos começos de 2000, o Ministro brasileiro de Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampréia, iniciou em Pretória oficialmente acordos de livre comércio entre o MERCOSUL e a SACU, **Southern African Customs Union**, que reúne Botsuana, Lesoto, Namíbia e Suazilândia em torno da República da África do Sul.

---

[23] Contracapa de VIGGIANO, *op. cit.*
[24] Idem

Então vem toda a Comunidade de Desenvolvimento Sul-Africana (**Southern African Development Community,** SADC), criada em 1992: África do Sul, Angola, Moçambique, Botsuana, Lesotho, Namíbia, Ilhas Maurício, Suazilândia, Malaui, Tanzânia, Zâmbia e Zimbabue.

O Brasil e Portugal farão os elos com a demais África lusófona (Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe), rumo ao mais vasto espaço atlântico-sul evoluindo da Resolução 41/11 de 1986, criadora da Declaração de uma Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul - contra a presença de bases militares estranhas aos signatários da Declaração, em especial contra as de armas atômicas contra o voto dos Estados Unidos na ONU, depois abstendo-se, enfim aceitando, à medida que se esgotava a tensão anti-soviética. Depois, uma extensão da Declaração em termos de cooperação econômica, ecológica, científica e tecnológica. Até cooperação militar, porém entre os signatários, como a ajuda do Brasil ao treinamento da Marinha de Guerra da Namíbia, por exemplo.

O novo Tratado de Cooperação e Consulta entre Brasil e Portugal, em pleno ano 2000 das comemorações de um novo milênio coincidindo com os 500 de Descoberta do Brasil, pode confirmar e ampliar a relação única, mais que especial, entre os dois países.

Empresários, executivos, intelectuais e políticos passam então a mobilizar-se cada vez mais em favor do projeto MERCOSUL-SACU-SADC no contexto do Atlântico Sul, Razão Atlântica projetando-se em oceanos e continentes, mares afora, terras adentro, outra base de mais ampla Geopolítica mundial, em conflito, ou melhor, em competição e/ou colaboração com outros espaços.